

A FRENTE MARÍTIMA DE VILA NOVA DE GAIA (AMP): PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO DO LAZER URBANO E DO TURISMO BALNEAR

Vitor José de Oliveira Fontes – vfontes@portugalmail.pt

Associação para a Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica¹

Escola E.B. 2,3 Dr. José Lopes de Oliveira²

Faculdade de Letras da Universidade do Porto³

“Terminada a época de Verão, as moradias fecham as portas e janelas, passeia-se pelas ruas e não se encontra ninguém. Há enormes casas em ruína. Mesmo junto ao apeadeiro do comboio, o que devia em tempos ter sido magnífica mansão recebe-nos com suas paredes esventradas, ervas no lugar onde teriam estado carpetes decerto luxuosas, inscrições na pedra que um dia deve ter tido cor certa.”
(Alice Vieira, 1997)

Limitada a norte pela foz do rio Douro e a sul pela cidade de Espinho, a faixa litoral de Gaia assume-se hoje como um dos mais dinâmicos e atractivos pólos de lazer urbano, tempo-livre, recreio e ócio da Área Metropolitana do Porto, ressuscitando assim, um estatuto há muito perdido e que atingiu o seu esplendor na última metade do século XIX e princípios de XX. As sucessivas alterações dos modos de viver e usar este espaço balnear parecem descrever um “movimento ondulatório” de alternância de períodos (mais ou menos longos) ora de intensa



Fig. 1 – Frente Marítima de V.N. de Gaia (localização)

e ora de incipiente procura deste espaço litoral para a fruição e prática de actividades de lazer e cultura. Se hoje o litoral de Gaia parece constituir um território homogéneo, uma espécie de corredor costeiro coerente e coeso⁴, quer ao nível de infra-estruturas e equipamentos quer ao nível das vivências do quotidiano, isso fica a dever-se em grande parte à política autárquica de requalificação e reordenamento da orla marítima do concelho desenvolvida a partir de finais da década de noventa. Desde essa data que a frente de mar de Vila Nova de Gaia tem vindo a sofrer alterações profundas de vária ordem, destacando-se as intervenções no domínio do urbanismo, da rede viária, do ambiente, da conservação da natureza, do turismo e do lazer urbano, conciliando

¹ Professor de Geografia Económica no Departamento de Aprendizagem da AESBUC

² Professor de Geografia do 3º Ciclo

³ Frequenta o *Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Geografia Humana – Território e Desenvolvimento*

⁴ Numa extensão de aproximadamente 15 km.

valores de urbanidade e de preservação dos recursos biofísicos (PORTAS, DOMINGUES, CABRAL, 2003: 175). Mas o aspecto mais significativo dessas alterações não se verifica ao nível das infra-estruturas e equipamentos criados ou requalificados nos mais diversos domínios, verifica-se sobretudo ao nível do novo quadro de vivências e de usos do quotidiano (re)criado nos últimos quatro anos, um fenómeno recente mas de uma tal expressão e vitalidade que parece ter posto termo a um ciclo de decadência e de crise ao nível da procura deste espaço para fins de lazer, recreio e tempo-livre e que se vem arrastando desde meados do século XX.⁵

Apesar de se saber que a procura deste segmento costeiro por parte das populações remonta a tempos muito recuados⁶, foi durante o século XIX que o Litoral de Gaia conheceu um crescimento urbano⁷ expressivo associado a uma clara afirmação deste território enquanto espaço de cultura e de lazer de dimensão regional e até mesmo nacional. No entanto, ao contrário do que hoje acontece, a orla marítima de Vila Nova de Gaia apresentava-se como um segmento territorial descontínuo e recortado não só ao nível da evolução e da morfologia urbana das diversas praias, mas sobretudo ao nível dos usos e pluri-vivências quotidianas e dos “públicos” que as frequentavam.⁸ João Teixeira Lopes (2000) referindo-se ao Porto Oitocentista afirma que *“a descontinuidade do tecido social urbano era uma realidade incontornável, bem como a segregação sócio-espacial que lhe está subjacente e que se traduz, de forma extremamente visível, nas manifestações de sociabilidade e na organização do espaço público”*⁹, sendo possível, portanto, estabelecer-se um paralelo entre a realidade

⁵ Luís Saldanha Martins (1992) lembra que “as estruturas de lazer que ganharam forma entre as burguesias comercial e industrial a partir de meados do século passado, foram profundamente alteradas desde os anos cinquenta do século XX, em particular pela introdução de novas e/ ou renovadas concepções de lazer, pelas alterações nas características da população que a elas acede ou pelo atenuar da sazonalidade do gozo dos períodos de lazer.”

⁶ Refira-se o facto de nas inquirições de 1758 vir mencionada a construção de uma quinta por parte dos frades Crúzios do Mosteiro de Grijó na praia da Granja, local escolhido para a convalescença e repouso durante o período estival, prática idêntica à dos monges do mosteiro da Serra do Pilar na praia da Lavadores. Lembrem-nos, ainda, a construção da Capela do Senhor da Pedra em Miramar, que apesar de se desconhecer qualquer prova documental que indique, de forma irrefutável, a data da sua edificação, esta, tendo em conta a documentação conhecida e a análise estilística do edifício, pode ser seguramente, datada da segunda metade do século XVIII (GUEDES, 2000:41). Além disso, a procura deste trecho costeiro para a actividade piscatória é anterior ao século XIX.

⁷ Sobre o processo de urbanização deste sector costeiro existem já diversos estudos que reconstituem de forma pormenorizada as várias fases da evolução urbana, mais concretamente da Granja, da Aguda e de Miramar, destacando-se a tese de doutoramento de Luís Saldanha Martins (1993) intitulada «Lazer, Férias e Turismo na Organização do Espaço no Noroeste de Portugal»; a tese de mestrado de Ana Baeta Silva (2001) intitulada «A Praia de Miramar e o Litoral de Gaia. Contributo para o conhecimento da sua evolução urbanística»; o livro «Marés da Aguda» (1991) e «Cem anos na praia da Aguda 1888-1988» de Mike Weber, et al (2002).

⁸ Sendo esta uma dimensão ainda pouco explorada, apesar da multiplicidade de fontes existentes, e que carece de um estudo mais exaustivo e aprofundado.

⁹ LOPES, João Teixeira – *A Cidade e a Cultura. Um estudo sobre práticas culturais urbanas*, Sta. Maria da Feira, Edições Afrontamento, 2000, pp. 163-164.

portuense e a realidade litoral gaiense. Naquela época, as praias de Gaia que gozavam de um maior protagonismo¹⁰ eram a praia de Lavadores, a praia da Aguda e a praia da Granja, embora por motivos distintos que se relacionam em muito com as características físicas dos diferentes lugares e, sobretudo, com o tipo de gente que as frequentava associado a um determinado *modus vivendi* que conferia uma espécie de identidade territorial e social única e inconfundível, ao ponto de rivalizarem entre si. A praia de Lavadores é conhecida, em finais do século XIX, pelo seu prestígio social conferido pela presença de vários elementos da colónia inglesa residentes no Porto, pelo isolamento e discrição que preservava a sua rusticidade e pelas “casas magníficas, quasi todas habitadas todo o ano por característicos bretões – seus preferentes inquilinos”¹¹, já que às “famílias de minguados recursos estava vedado tal luxo”. Refira-se ainda que “na época estival tudo aquilo era um formigueiro de carruagens, já que não havia outro meio de transporte. Mas mesmo nos fins do século passado (século XIX) ali afluíam gradas famílias de Mafamude...os tempos evoluíram e com eles a facilidade de transporte. Daí o facto dos banhistas procurarem outras praias mais requintadas, passando então o grosso dos frequentadores a ser de classe mais humilde, que para ali levavam os seus filhos por conselho médico”.¹² A «praia» enquanto motivo de lazer dominante no espaço litoral-balnear resultante de uma vulgarização da “ida a banhos” durante o século XIX, por motivos não só recreativos mas também terapêuticos (MARTINS, 2004), surge como elemento catalisador das vivências e usos nesta e nas restantes praias de Gaia, bem patente na forma como é descrita a rotina diária dos banhistas de Lavadores:

“de manhã, tomam o seu banho de mar, mesmo de Inverno, nadam uma hora, barbeiam-se, fazem as honras do almoço, acendem o cachimbo, arregaçam a sua calça cinzenta ou azul marinho, e repetem as duas horas de areal e de cahique que os separam do escritório onde eles chegam a tempo e horas, como se morassem no mesmo prédio.”¹³

Além do uso da praia e do mar para o ócio e o recreio, existiram em Lavadores outras manifestações de lazer e de cultura, refiram-se a título de exemplo, os jogos de cricket do “Lavadores Cricket Club” ou os concertos na “Quinta do Gymnasio”, entre

¹⁰ Rivalizando ao nível do lazer urbano com praias como a da Foz do Douro, de Leça da Palmeira e de Espinho.

¹¹ LEITÃO, Joaquim, *et al* – *As Praias*, in *Mea Villa de Gaya*, 1909, 2ª Ed. (1987), p. 69.

¹² *Canidelo*, In *Boletim Cultural da Associação «Os Amigos de Gaia»*, nº 4, 1978, p. 13.

¹³ Joaquim Leitão *et al*, *op. cit.*, p. 69.

outras. No entanto, estas práticas foram perdendo o significado e a importância daqueles tempos à medida que o século XX foi avançando.¹⁴

A praia da Aguda apresenta um quadro de usos e vivências bem diferenciado do primeiro caso em análise, apesar de ter em comum com aquele o mesmo motivo dominante de lazer, isto é, a «praia». Segundo Pinho Nunes (1954), a implantação do núcleo a partir do qual nasceu a Aguda remonta a 1870¹⁵, altura em que alguns pescadores da Afurada e Espinho começaram a atracar neste lugar para desembarcar o pescado e o «pilado» muito procurado pelos lavradores das redondezas como adubo para a fertilização dos campos. Depressa os pescadores reconheceram as potencialidades desta costa e aí construíram «palheiros» para se fixarem. Estima-se que em finais do século XIX, trabalhavam já na praia da Aguda cerca de oitenta pescadores, distribuídos por vinte «bateiras» (WEBER, 1991:19). Assim, com facilidade percebemos que, ao contrário da realidade de Lavadores ou da vizinha Granja, a actividade piscatória emerge como a prática que mais irá determinar a organização deste espaço e, conseqüentemente, as próprias vivências e os usos que lhes estão associadas. No entanto, o caminho-de-ferro¹⁶, à semelhança do que acontecera na Granja, foi um factor decisivo para o seu rápido desenvolvimento, na medida em que facilitou os acessos a esta praia, atraindo as populações mais afastadas, que começaram a frequentar a praia de banhos devido às boas condições climáticas. Nos anos 50 trabalhavam na Aguda mais de 300 pessoas num total de 64 embarcações, enquanto que em 1989 (em virtude do fenómeno da emigração) trabalhavam aqui ainda cerca de 90 pescadores, distribuídos por 21 embarcações (WEBER, 1991:26). Neste contexto onde «praia» e «pesca» se assumem como elementos estruturantes da organização territorial e social da Aguda, é compreensível que os usos e as vivências culturais e de lazer das suas gentes estejam profundamente marcados por aquela actividade, exemplo disso é a bela descrição que Mike Weber (1991) traça de um fim de dia típico dos habitantes desta praia e que no fundo é a mais pura e genuína expressão de lazer e cultura deste povo:

“Ao fim do dia encontram-se os bravos companheiros no tasco, sempre prontos a arriscar tudo de novo. Discutem a televisão e os últimos jogos de futebol, falam das mulheres, como aquelas estrangeiras com os «limões» à vista, a que se vai deitando um olhar matreiro. Fala-se dos colegas e «diz-se mal de uns e de outros». Conta-se a

¹⁴ Vd. «*The Lavadores Review*», Vol.I, nº. 1,2,3 e de Natal, Porto, 1895.

¹⁵ Note-se que o Padre Manuel Martins de Moraes escreveu em 1758 que na praia da Granja (a uma distância de cerca de dois a três quilómetros a sul da praia da Aguda) já existiam habitações primitivas de pescadores (SANDE E CASTRO, 1973), o que levanta a possibilidade da ocupação da praia da Aguda poder ser anterior a 1870.

¹⁶ “O apeadeiro, situado entre as estações da Granja e Valadares, ao quilómetro 322 da Linha Norte, foi aberto à exploração em 7 de Julho de 1864” (WEBER, 1991:20).

última bebedeira com orgulho, a mão a tapar a cara mas o olho por trás, nem sempre fechado. E com o paleio e os copos renascem as forças, talvez alguma inveja ou o orgulho por ter conseguido arrancar a presa do mar. No fim, as garrafas estão vazias e os pequenos «heróis» estão «cheios» de admiração pelos grandes.»¹⁷

Deslocando a nossa atenção um pouco mais para sul, encontrámos a praia da Granja, e quão difícil é escrever sobre ela em poucas linhas, dada a diversidade de fontes existentes e a riqueza da sua realidade sócio-cultural que justificariam, por si só, que lhe dedicássemos a totalidade destas páginas. Conhecido o processo de crescimento e evolução urbana desta praia, processo esse, aliás, já amplamente estudado¹⁸, importa centrar a nossa atenção no estudo do riquíssimo quadro de vivências e usos de lazer e cultura que tinham lugar neste espaço balnear, considerado até ao primeiro quartel do século XX como a praia mais chique, mais cosmopolita, a mais intelectual e até a mais política de Portugal (GOMES, 1988:3). A Granja oitocentista (e até meados da década de trinta do século passado¹⁹) representa uma espécie de microcosmos social e de lazer marcado por um sentido de pertença e uma identidade territorial e social muito forte, a título de exemplo, leia-se um excerto de uma notícia publicada num periódico da época:

“Teem chegado algumas famílias á praia da Granja, porém sempre as do costume: só fidalguias, que teem nojo ou não sei o quê, que venham para esta praia gente de mais baixa classe. Esta praia, talvez a mais bonita e saudável da nossa beira mar, torna-se tristonha, sem alegria, porque muito banhistas que preferem andarem quasi sós, não querendo gente de classe baixa que os estorvem.”²⁰

Este elitismo territorial e social traduzia-se igualmente num elitismo recreativo e cultural, porque este era o espaço das cavalgadas, das quermesses, dos chás, dos torneios de ténis, de *croquet* e de bola, das gincanas, dos arraiais, dos elegantes bailes e concertos, da Assembleia e do Hotel, enfim...o espaço dos intelectuais e dos príncipes, da cartola e do fraque.

À medida que o século XX se foi estendendo, estas praias, embora com ritmos diferentes, foram perdendo o seu dinamismo e o seu protagonismo enquanto espaços

¹⁷ WEBER, Mike – *Marés da Aguda*, Porto, Edições Afrontamento, 1991, pp. 22-23.

¹⁸ Vd. MARTINS, Luís Paulo Saldanha – *Lazer, Férias e Turismo na organização do Espaço no Noroeste de Portugal*, Dissertação de doutoramento em Geografia Humana apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993;

¹⁹ Segundo SALDANHA MARTINS (1992) o período de declínio da Granja enquanto espaço de lazer agudizou-se a partir da década de trinta do século XX, pondo termo a um longo período em que esta era uma das concorridas praias de Portugal, frequentada pela nata da sociedade portuguesa.

²⁰ «O Grillo de Gaya», 27-8-1890.

de lazer e cultura ²¹ (apesar dos esforços das diversas comissões de iniciativa e juntas de turismo), entrando numa fase de declínio que se foi acentuado até finais da década de noventa do século passado, resultado das profundas transformações políticas, económicas e sociais, as mesmas que permitiram a afirmação de outras praias – *Miramar, Francelos, Valadares, Madalena e Salgueiros* – e que estão na base de uma democratização do lazer.²² Durante a segunda metade do século XX, acompanhando o fenómeno da explosão do turismo de massas, o Litoral de Gaia, que até aqui era apenas contemplado, passa a ser consumido de um modo descontrolado e desequilibrado, assistindo-se à proliferação de bares e esplanadas clandestinas (a maior parte delas sobre o cordão dunar) e a um crescimento urbano desordenado, criando sérios problemas de degradação ambiental, comprometendo o futuro deste sector costeiro, a curto e médio prazo, e agudizando o cenário de declínio iniciado na década de trinta. Assim e sem o vigor dos tempos de outrora, fomos assistindo a uma progressiva uniformização dos hábitos, dos usos e vivências neste segmento costeiro, que à parte das romarias e outros acontecimentos esporádicos se resumem a um consumo sazonal deste território, associado à banalização das férias pagas e do bronzamento estival.

Tal como fora inicialmente referido, actualmente, assiste-se a uma tendência de inversão do cenário acima descrito, resultado de uma aposta clara do poder autárquico em contrariar o esvaziamento do seu litoral, tornando-o antes num território competitivo de influência regional ao nível do lazer urbano e do turismo balnear, assente no princípio de que este trecho costeiro vai estar para a Área Metropolitana do Porto como a linha Estoril/Cascais está para Lisboa²³. Neste sentido, encetaram um conjunto de intervenções em toda a extensão da orla marítima das quais se destacam:

- a demolição de esplanadas clandestinas (ao abrigo do POOC) que proliferaram durante a década de 80 e 90²⁴, e de propostas de requalificação de outras, como é o caso do “Palhota Bar”, do “Off Shore” e do “Rocky Point”;
- a campanha de conservação dos sistemas dunares com o objectivo de proteger os segmentos que restam do frágil cordão dunar e que esteve na origem da

²¹ Este fenómeno não foi tão intenso no caso da Aguda, uma vez que o seu declínio acontece sobretudo por razões de natureza económica, nomeadamente pela crise do sector das pescas.

²² “A generalização de muitas actividades recreativas que, ainda há algumas décadas, ocorriam em quadros sociais restritos (...), constitui um aspecto notável e inédito da transformação recente do lazer no mundo ocidental, que não pode deixar de ser associado à afirmação da classe média e ao desenvolvimento dos processos de mobilidade social.” (ANDRÉ, HENRIQUES, 1992).

²³ Segundo a autarquia as intervenções em causa obedecem a uma lógica de requalificação para uma geração, de 20 e mais anos.

²⁴ Refira-se, a título de exemplo, a demolição em Abril de 2003 do “Bar Azul” na Praia de Salgueiros, do “Bar Francemar” na Praia de Francemar em Maio de 2003, e do conhecido “Edifício Iodo” em Junho de 2003 na Praia de Francelos.

criação do Parque de Dunas da Aguda²⁵ onde são desenvolvidas diversas actividades de educação ambiental;

- a limpeza dos areais e a criação de um passadiço pedonal que une todas as praias desde Lavadores a Espinho, numa extensão de cerca de 15 Km.

- a limpeza e renaturalização das ribeiras, e respectivas margens, do concelho (de forma a fomentar a prática dos passeios a pé ou de bicicleta ao longo de percursos que liguem o interior ao litoral), a instalação e alargamento do saneamento básico e a construção da ETAR de Gaia Litoral, a segunda maior do país, (uma aposta ambiental que se traduziu na atribuição de 16 bandeiras azuis em 2003)²⁶.

- a recuperação de equipamentos hoteleiros históricos²⁷ e a criação de novos equipamentos de lazer e animação, de que são exemplo, o Parque da Aguda (dotado com um restaurante, uma esplanada, um espaço infantil e um campo de jogos), a requalificação da Piscina da Granja e a construção da Alameda do



Fig.2 – Obras de recuperação do Hotel da Granja (2005)

Sr. da Pedra (inaugurada a 13 de Julho de 2001), que reconverteu um espaço profundamente degradado de terra batida, onde se realizava, aos domingos, uma pequena feira de carácter clandestino, dando lugar a um espaço de lazer e recreio completamente novo, bastante amplo, com jardins de água, campos de jogos, parque infantil e um pequeno corredor verde, tornando-se num dos espaços mais concorridos



Fig. 3 – Alameda do Sr. da Pedra – Fevereiro de 2005

²⁵ O Parque de Dunas da Aguda foi criado na Primavera de 1997 como resultado da aprovação de um programa LIFE, a que o Parque Biológico de Gaia se candidatou e que tem uma dimensão de cerca de 3 hectares. Refira-se que este projecto inspirou a criação de outros parques da mesma natureza, como é o caso do Parque de Dunas da praia da Memória (Matosinhos) e outros dois na praia de Mira e Vagos, o que denota o seu sucesso.

²⁶ Em 2003 o concelho de V.N. de Gaia conseguiu 16 das 34 bandeiras azuis atribuídas na região norte, quando no início da década de 90 não existia uma só praia de Gaia com este galardão.

²⁷ Estão já em curso obras de recuperação do célebre Hotel da Granja, que irá ser convertido num complexo de apartamentos de luxo, e estão previstas para breve obras no Hotel Mar e Sol em Miramar.

durante o fim de semana.

- a reabilitação da frente de mar de Canidelo, Madalena, Miramar, Aguda e a requalificação urbana na Praia da Granja²⁸;

- a criação de parques de estacionamento e do famoso “calçadão”, sem esquecer a abertura da ER1.18 e da VL7, vias estruturantes que vão estabelecer a ligação directa entre o interior e o litoral do concelho.

- (...)



Fig. 4 – Calçadão da Praia da Granja – Fevereiro de 2005

O efeito desta política tem gerado uma espécie de fenómeno de “litoralomania” que ultrapassa os limites do concelho e que atrai gente dos concelhos limítrofes e não só, sendo o único capaz de rivalizar com o efeito centrifugador dos shopping’s (eixo Norteshopping-Gaiashopping), criando uma nova centralidade e uma



Fig. 5 – Uso do calçadão para actividades de lazer no Inverno em dia semanal – Fevereiro de 2005

nova dinâmica ao nível do lazer e do tempo-livre²⁹. Trata-se de um novo quadro de usos e pluri-vivências quotidianas que vão desde o incontornável estender da toalha e do mergulho nos meses mais quentes, aos campeonatos de voleibol nas praias da Aguda e da Madalena, aos passeios a pé, de bicicleta ou em patins em linha, às corridas de



Fig. 6 - Uso do passadiço para actividades de lazer no Inverno e em dia semanal – Fevereiro de 2005

jogging, às conversas, aos lanches e ao estudo nas esplanadas, às noites de fim-de-

²⁸ Em Agosto de 2004 foi apresentado um projecto que propõe a Granja como “Sítio de Interesse Público”, uma iniciativa do Departamento Municipal de Planeamento do Património, Cultura e Ciência, da Gaianima e da Câmara Municipal, numa tentativa de salvaguardar e proteger o seu património arquitectónico e paisagístico que é extremamente vulnerável.

²⁹ Para compreender a verdadeira dimensão deste fenómeno de atracção seria útil a realização de inquéritos à população que procura este espaço para o lazer.

semana, até à mera contemplação da paisagem litoral, com a particularidade de qualquer uma destas práticas acontecer a qualquer hora do dia, em qualquer dia da semana, em qualquer mês do ano, chegando-se mesmo a desafiar os caprichos atmosféricos, embora continuem a registar-se picos de procura nos meses de Verão e durante o fim-de-semana.

As múltiplas e recentes transformações que se têm verificado em diversos núcleos costeiros do nosso litoral resultantes das intervenções urbanísticas e das estratégias de planeamento na orla marítima a que têm sido sujeitos, traduzem e traduzem-se numa diversidade e complexidade de novas formas de viver e usar o espaço litoral enquanto espaço de elevado potencial turístico (refira-se, a título de exemplo, as frentes marítimas de Vila Nova de Gaia, Figueira da Foz, de Caminha, ou a linha Estoril-Cascais).

Bibliografia

- ALMADA, João Vaz – «Retiro de Aristocratas», in Revista Única, Expresso, 5 de Julho de 2003.
- ALMEIDA, Joaquim – «As Praias e o Mar. Subsídios para uma bibliografia Gaiense», Porto, in Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, nº 20, 3º Vol., 1986, pp. 29-31.
- ÁLVARES, Karlla Valladares – *Turismo e Geografia: o fenómeno do Turismo e seus reflexos sobre a organização dos territórios*, Cad. de Geografia, Belo Horizonte, vol. 12, nº.18, 1º Sem. 2002, pp. 94-104.
- ANDRÉ, Isabel Margarida; HENRIQUES, Eduardo Brito – *Práticas de Lazer, Território e Género*, in Actas do VI Colóquio Ibérico de Geografia, Porto, 1992, pp. 665-672.
- BRANCO, Emílio Castelo – «O Senhor da Pedra», in O Tripeiro, Ano IV, nº 1, Porto, 1948.
- BRITO, Sérgio Palma – «A urbanização e o urbanismo turístico em Portugal no início do século XXI», Porto, in Revista Sociedade e Território, nº 37/38, Edições Afrontamento, 2004, pp. 126-132.
- CASTRO, António Paes de Sande e – *A Granja de Todos os Tempos*, V.N. de Gaia, C.M.V.N. de Gaia, 1973, p. 662.
- CASTRO, Rui – «Miramar, Praia das Rosas», Porto, in Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, nº 9, 1980, pp. 15-19.
- COSTA, Francisco Barbosa – *S. Félix da Marinha Notas Monográficas*, V. N. de Gaia, C.M.V.N. de Gaia e Junta de Freguesia de S. Félix da Marinha, 2000, p. 454.
- DUBY, Georges; ARIÉS; Philippe – *História da Vida Privada*, Vol. V, Edições Afrontamento, Porto, 1991, pp. 94-113.
- GUEDES, Henrique M. Moreira – *O Sítio do Senhor da Pedra: Monografia Patrimonial*, V. N. de Gaia, Confraria do Senhor da Pedra, 2000, p.143.
- GUIMARÃES, Gonçalves; CORREIA, Ana Filipa – *Roteiro Queirosiano de Vila Nova de Gaia*, Vila Nova de Gaia, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, 2000, p. 117.
- LEBRE, Ana Maria Guedes – «A Urbanística do Lazer e do Turismo», in Revista Sociedade e Território, nº 28, Porto, Edições Afrontamento, 1998, pp. 23-30.
- LEITÃO, Joaquim – «As Praias», in Mea Villa de Gaya, Porto, Reedição, Associação Cultural Amigos de Gaia, 1987, pp. 69-71.
- LOPES, João Teixeira – *A Cidade e a Cultura. Um estudo sobre práticas culturais urbanas*, Sta. Maria da Feira, Edições Afrontamento, 2000, pp. 161-187.
- LOUSADA, António – «A Praia da Granja», Porto, in Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, nº 7, 1979, pp. 4-5.
- LOUSADA, António – «A Granja dos Tempos Áureos», Porto, in Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, nº 8, 1980, pp. 14-16.
- LOUSADA, António – «O Ténis na Antiga Granja», Porto, In Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, nº 15, 1983, pp. 26-27.

- MARTINS, Luís Saldanha – «*Do passeio público ao «Jogo de Cartas»*», apontamentos sobre os espaços ajardinados do Porto», in Actas do VI colóquio Ibérico de Geografia, Porto, 1992, pp. 627-640.
- MARTINS, Luís Saldanha – *Espaços de Lazer e de Turismo no Noroeste de Portugal*, Porto, Edições Afrontamento, 2004, p. 217.
- MARTINS, Luís Paulo Saldanha – *Lazer, Férias e Turismo na organização do Espaço no Noroeste de Portugal*, Dissertação de Doutoramento em Geografia Humana apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993.
- MARTINS, Luís Paulo Saldanha – «*Banhistas de mar no século XIX*», Porto, in Revista da Faculdade de Letras – Geografia, I Série, Vol. V, 1989, pp. 45-59.
- MARTINS, Luís Paulo Saldanha – «*As praias portuenses: génese, apogeu e declínio de um espaço de lazer*», in Texto de Apoio às Saídas de Estudo – Área Metropolitana do Porto, Porto, VI Colóquio Ibérico de Geografia, Setembro de 1992.
- MOREIRA, Alberto Luís (Coord.); SANTOS, Isabel; DUQUE, João – *A Queirosiana da Biblioteca de Gaia. A Granja de Eça de Queirós*, Biblioteca Pública Municipal de Gaia, 2000, p. 71.
- NEVES, Pedro Almiro – *A Praia da Granja no último quartel do séc. XIX*, in Gaia, Vol. II, Revista do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, Actas das Jornadas de História Local e Regional de Vila Nova de Gaia, 1984, pp. 485-489.
- NUNES, Pinho – *Monografia da Praia da Aguda*, V. N. de Gaia, Estratégias Criativas, 1996, p. 98.
- OLIVEIRA, José Maria de – «*Leça da Palmeira: lazer e evolução urbana litoral entre finais do século XIX e meados do século XX*», in Revista da Faculdade de Letras – Geografia I série, Vol. XVI/ XVII, Porto, 1999-2000, pp.97-115.
- ORTIGÃO, Ramalho – *As Praias de Portugal* (conforme a 1ª edição de 1876), 2ª Tiragem, Lisboa, Frenesi, 2002, p.185
- ORTIGÃO, Ramalho – *As Farpas I*, Porto, Clássica Editora, 1986, pp.223-257.
- PAES, António – «*A Granja de Todos os Tempos*», in O Tripeiro, Ano IX, nº 4 e 5, 1953.
- PONTE, Nunes da – «*Festas de Sociedade*», in O Tripeiro, Ano IX, nº 3, Porto, 1953.
- PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João – *Políticas Urbanas. Tendências, estratégias e oportunidades*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 175.
- SANTOS, Norberto Pinto; MENDES, António Gama – «*Os Espaços-Tempos de Lazer na Sociedade de Consumo Contemporânea*», Cadernos de Geografia, nº. 18, 1999, Coimbra, F.L.U.C., pp. 129-137.
- SILVA, Ana Cristina Baeta Serra de Campos – *A Praia de Miramar e o Litoral de Gaia. Contributo para o conhecimento da sua evolução urbanística*, Dissertação de Mestrado em Geografia «Dinâmicas Espaciais e Ordenamento do Território» apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001.
- SILVA, José M. Teixeira – «*A Granja de Eça de Queirós*», Porto, in Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, nº 51, 8º Vol., 2000, pp. 6-14.
- SILVA, José M. Teixeira – «*A Granja de Eça de Queirós*», Porto, in Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia, nº 52, 8º Vol., 2001, pp. 43-53.
- TEMUDO, Alda Padrão; FERNANDES, Eduarda – *A Granja de Todos os Tempos – Mostra Documental*, V.N. de Gaia, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, 1995, p.56.
- THE LAVADORES REVIEW, Vol.I, nº. 1,2,3 e de Natal, Porto, 1895.
- VIEIRA, Alice; ABREU, Maurício – *Praias de Portugal*, Lisboa, Editorial Caminho, 1997, pp. 75-83.
- WEBER, Mike; JESUS, Paulo; SANTOS, Assunção – *Cem anos da praia da Aguda*, Porto, Edições Afrontamento, 2002, p. 146.
- WEBER, Mike; BLEICKER, Dirk – *Marés da Aguda*, Porto, Edições Afrontamento, 1991, p. 1-62.